



Violências Vivenciadas por Adolescentes no Brasil: uma revisão integrativa discutida à luz da fenomenologia

Violence Experienced by Adolescents in Brazil: an integrative review discussed in the light of phenomenology

Violence vécue par les adolescents au Brésil: une revue intégrative discutée à la lumière de la phénoménologie

Nadyne Araújo de Oliveira¹

Ewerton Helder Bentes de Castro²

RESUMO

A adolescência é amplamente discutida no que concerne a aspectos sociais, psicológicos e biológicos. Dentre os fenômenos que podem comprometer o processo de desenvolvimento saudável de um adolescente, é experienciar violências. Entretanto no Brasil, essa tem sido a realidade muitos adolescentes. O objetivo deste trabalho é integrar dados sobre o fenômeno da violência vivenciada por adolescentes no Brasil, sobretudo nos contextos escolares, e discutir à luz da fenomenologia. Esse estudo caminha por uma abordagem qualitativa, apesar da revisão integrativa compor estudos quantitativos. Foram usados os seguintes comandos booleanos: adolescente AND escola AND violência nas bases de dados, SciElo, BVSaúde e PePsic. Foram incluídos 296 trabalhos e revisados 16 artigos científicos em um espaço-temporal de dez anos. Os adolescentes sofrem de inúmeras violências que repercutem

¹ Psicóloga (CRP 20/11.041) pela Universidade Paulista. Pós-Graduada em Neuropsicologia: avaliação e reabilitação neuropsicológica pelo Child Behavior Institute of Miami. Mestranda em Processos Psicológicos e Saúde na Universidade Federal do Amazonas. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Tutora técnica do Projeto de Extensão Plantão Psicológico na Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Email: nadynnearaujo@outlook.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1545-1472>

² Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>



negativamente no seu processo de desenvolvimento, na sua saúde mental e conseqüentemente na percepção que tem de si mesmos. É necessário o estabelecimento de políticas públicas eficazes na promoção e prevenção em saúde mental que faça um trabalho integrado entre adolescente, escola, família e comunidade.

Palavras-chave: Adolescentes; Escola; Violência; Fenomenologia

ABSTRACT

Adolescence is widely discussed concerning social, psychological, and biological aspects. Among the phenomena that can compromise the healthy development of an adolescent is experiencing violence. However, in Brazil, this has been the reality for many adolescents. This study aims to integrate data on the phenomenon of violence experienced by adolescents in Brazil, especially in school contexts, and discuss it in the light of phenomenology. This study follows a qualitative approach, although the integrative review includes quantitative studies. The following boolean commands were used: adolescent AND school AND violence in the databases SciElo, BVSaúde, and PePsic. A total of 296 works were included, and 16 scientific articles were reviewed over a ten-year time frame. Adolescents suffer from numerous forms of violence that negatively affect their development, mental health, and consequently their self-perception. The establishment of effective public policies for mental health promotion and prevention is necessary, involving integrated efforts among adolescents, schools, families, and communities.

Keywords: Adolescents; School; Violence; Phenomenology

RÉSUMÉE

L'adolescence est largement discutée sous ses aspects sociaux, psychologiques et biologiques. Parmi les phénomènes qui peuvent compromettre le processus de développement sain d'un adolescent, il y a la violence. Cependant, au Brésil, cela a été la réalité de nombreux adolescents. L'objectif de ce travail est d'intégrer des données sur le phénomène de violence vécue par les adolescents au Brésil, notamment en contexte scolaire, et de le discuter à la lumière de la phénoménologie. Cette étude suit une approche qualitative, bien que l'examen intégratif comprenne des études quantitatives. Les commandes booléennes suivantes ont été utilisées : adolescent ET école ET violence dans les bases de données SciElo, BVSaúde et PePsic. 296 ouvrages ont été inclus et 16 articles scientifiques ont été examinés sur une période de dix ans. Les adolescents souffrent d'innombrables formes de violence qui ont un impact négatif sur leur processus de développement, leur santé mentale et, par conséquent, leur perception d'eux-mêmes. Il est nécessaire d'établir des



politiques publiques efficaces pour la promotion et la prévention de la santé mentale qui intègrent les adolescents, les écoles, les familles et les communautés.

Mots-clés : adolescents , École, Violence, Phénoménologie

A adolescência é uma fase de muitas mudanças, sejam elas biológicas ou psíquicas. Há nessa fase uma perda de uma identidade - a infantil - sendo então um momento de transição entre a infância e a adultez, há ainda grandes mudanças hormonais, experienciadas na puberdade, processos sociais complexos (Crocetti, 2017) e também, importantes mudanças neuronais, uma reorganização das conexões cerebrais, uma fase de poda neural, a qual os neurocientistas irão chamar de fase crítica do desenvolvimento (Leibenluft & Barch, 2021; Pereira & Rocha, 2022; Jensen et al., 2023).

Diante deste cenário, a adolescência é uma fase onde pequenos delitos e transgressões podem ser compreendidas como comuns, onde o adolescente está mais vulnerável a essas situações de delinquência, assim como outras situações que causem sofrimento psicológico significativo; o adolescente é vulnerável em muitos aspectos (Silva & Xavier, 2020; Murray et al., 2021). Podemos citar a vivência do bullying, *cyberbullying*, ansiedade, depressão, autolesão, ideações suicidas, transtornos alimentares e distorções de imagem. Todos fenômenos que podem surgir no processo de adolecer (Dutra et al., 2020; Dionísio & Queiroz, 2020; Forte & Castro, 2020; Pordeus et al., 2022; Suarez-Albor, Galletta & Gómez-Bustamante, 2022; Koifman, 2023; Macedo & Castro, 2023).

Nos entornos de todos esses sofrimentos citados, há um fenômeno muito comum se entrelaçando com eles: a violência. A violência sexual, física, verbal e psicológica é algo que os adolescentes acabam vivenciando com muita frequência e que não podem, infelizmente, serem dissociadas da discussão do



adolescer (Arribas Llópis et al., 2020; Castro et al., 2023; Meira & Castro, 2023). Além disso, todas essas experiências que podem trazer sofrimento significativo, e até o início de muitos transtornos mentais, reverberam pelos espaços sociais do adolescente, como a escola.

Na escola o adolescente encontra grupos de pertencimento, mas também experiências de exclusão. Encontra afeto, mas também certo autoritarismo. A escola é um espaço que promove educação e saúde, mas que não significa a anulação de experiências de sofrimento, que inclusive, de acordo com a forma que é organizada, pode contribuir para tais (Dionísio & Queiroz, 2020). Pensando em todo esse contexto, essa pesquisa tem como objetivo integrar os dados sobre o fenômeno da violência vivenciada por adolescentes no Brasil, sobretudo em contextos educacionais, e discutir os resultados a partir da fenomenologia.

A fenomenologia é um método que nos possibilita compreender um fenômeno que se apresenta, da forma que se apresenta (Heidegger, 1976/2015). E a partir dessa perspectiva epistemológica é que essa revisão foi discutida. A Prática Baseada em Evidências (PBE), de onde surge o modelo de revisão aqui apresentado, nasce em um campo epistemológico diferente da fenomenologia, entretanto, apesar da ideia primeira dos estudos dos fenômenos se contrapor às ideias causais das práticas biológicas, a fenomenologia não está contra as evidências científicas e nem a outras abordagens psicológicas (Holanda, 2014).

No mais, é importante citar que esse trabalho é um recorte do estado da arte de uma dissertação de mestrado que compreende saúde mental do professor frente às demandas de sofrimento dos alunos, ou seja, ela antecede a compreensão maior da dissertação construída. A dissertação de onde ela foi recortada, usa como teoria de base a fenomenologia de Martin Heidegger.

METODOLOGIA

Essa pesquisa trata-se de uma revisão integrativa, sendo de cunho exploratório e qualitativa. A revisão integrativa nasce no berço da enfermagem, ancorada nas Práticas Baseadas em Evidências (PBE) e tem como objetivo sinalizar a melhor tomada de decisão para um problema específico em saúde



(Mendes et al., 2008). Dessa forma, integrando os dados mais atuais sobre uma questão problema. Sendo assim, a pesquisa integrativa contém pesquisas quantitativas e qualitativas em seu escopo.

A busca foi realizada a partir das seguintes bases de dados: SciELO, BVSAúde e PePsic. Com os seguintes comandos booleanos: adolescente AND escola AND violência. Os comandos foram escolhidos após duas revisões que também fizeram parte do estado da arte da dissertação de mestrado da pesquisadora, revisões das quais sinalizavam a violência como a experiência de onde partem os sofrimentos psíquicos dos adolescentes.

Na primeira base de dados chegou-se ao resultado de 75 estudos, na segunda, 197 e na terceira 24 estudos. Todos os estudos encontrados foram tratados no aplicativo de referências Rayyan. Em primeiro momento foram identificados 93 artigos duplicados, onde para cada duplicação um artigo foi excluído. No segundo momento foram lidos todos os resumos. Após a leitura atenta dos resumos, 151 artigos foram excluídos pelos seguintes motivos: foram realizados em um espaço temporal maior que dez anos; não se tratavam da população investigada ou não respondiam ao objetivo da pesquisa; e por fim, por fazerem parte de literaturas como revisões, Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses.

Após as exclusões citadas acima, restaram 49 artigos para leitura integral. Ao final, 16 artigos foram analisados nesta revisão. Segue tabela mostrando procedimento:

Tabela 1- Procedimento de coleta e exclusão de dados

Base de Dados	Estudos incluídos	Após leitura de resumos	Após leitura completa
SciELO	75	36	13
BVSAúde	197	10	2
PePsic	24	3	1
Total	296	49	16

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A seguir, uma tabela expositiva com os dados dos artigos analisados:

Tabela 2- Exposição de dados

Autores	Objetivos	Amostra	Resultados
Forlim, Stelko-Pereira e Williams (2014)	Examinar a relação entre tipos de bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental	348 estudantes com idade média de 13,3 anos	Alvos e autores de bullying apresentaram 5 vezes mais chances de ter sintomas depressivos do que os outros estudantes. Sexo, idade, reprovação escolar e ser exclusivamente vítima não foram variáveis significativas para prever depressão.
Maranhão, Colaço, Santos, Lopes e Coêlho (2014)	Analisar como os adolescentes e jovens de escolas públicas do município de Fortaleza identificam e avaliam a vivência da violência no ambiente familiar e comunitário, assim como a relação entre essa experiência e os fatores protetivos pessoais e sociais.	529 adolescentes e jovens de 14-24 nos	Violência mais frequente na família: soco ou surra (35,5%). Violência mais frequente na comunidade: ameaça ou humilhação (22,5%). Perpetradores mais frequentes: genitores, especialmente a mãe.
Salles, Silva, Castro e Villanueva (2014)	Investigar a interpretação dos jovens sobre a violência na sociedade, na escola e na sua própria vida.	17 adolescentes de 15-17 anos	Diferenciação entre violência "à escola", "da escola" e "na escola". Jovens consideram a violência como parte inevitável de suas vidas, frequentemente relacionada à marginalização social e à delinquência.

Costa, Xavier, Andrade, Proietti e Caiaffa (2015)	Analisar a prevalência de bullying e seus fatores associados em adolescentes brasileiros.	598 adolescentes de 14-17 anos	Prevalência de bullying: 26,2%. Locais mais frequentes: Escola (55,1%), nas ruas (28,5%), a caminho da escola (15,4%), em casa (9,8%), praticando esportes (7,3%), em festas (4,6%), no trabalho (1,7%), e outros locais (1,6%). Associado a insatisfação com a vida, dificuldade de relacionamento com os pais, envolvimento em brigas, e insegurança no bairro
Ribeiro, Ribeiro, Pratesi e Gandolfi (2015)	Estimar a prevalência de eventos violentos na vivência de escolares entre 11 e 15 anos de idade, frequentadores de escolas públicas da cidade	288 crianças e adolescentes de 11-15 anos	Alta prevalência de violência física (85,4%), psicológica (62,5%) e sexual (34,7%) no ambiente escolar e familiar.
Santos e Soares (2016)	Identificar relações entre habilidades sociais e problemas de comportamento em vítimas e agressores de bullying	400 crianças e adolescentes de 11-13 anos	Habilidades sociais correlacionam-se negativamente com problemas de comportamento. Não houve diferença significativa nas habilidades sociais entre agressores e vítimas de bullying
Magalhães, Gomes, Campos, Camargo, Estrela e Couto (2017)	Desvelar as expressões da violência intrafamiliar vivenciada por adolescentes.	8 adolescentes de 10-19 anos	As(os) adolescentes relataram vivências de violência moral, psicológica e física, incluindo tapas, socos e agressões com objetos
Marcolino, Cavalcanti, Padilha, Miranda e	Analisar a prevalência de vitimização e agressão por bullying e tipologias associadas	678 adolescentes de 10-19 anos	Prevalência de vitimização: 29,5%. Predomínio do bullying psicológico:

Clementino (2018)	aos fatores sociodemográficos e comportamentos de risco em estudantes.		23,3%. Prática de bullying: 8,4%
Pinto et al. (2018)	Apresentar as tendências encontradas nas três últimas edições da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) sobre situações de violência vivenciadas por escolares brasileiros	173.310 adolescentes de 13-17 anos	Tendência de aumento das prevalências de violência em todos os indicadores estudados (faltar às aulas por insegurança no trajeto, envolvimento em brigas com armas, agressão por adulto da família). Maior prevalência de violência familiar contra meninas.
Silva, Silva e Passos (2018)	Verificar a associação entre autopercepção negativa em saúde e violência escolar em adolescentes estudantes do Município de Olinda - PE	2.614 adolescentes de 12-19 anos	26,7% dos adolescentes tinham uma autopercepção negativa em saúde, sendo maior entre as moças. Violência escolar associada a sentimentos de tristeza, pensamentos suicidas, bullying na escola, roubos na escola e segurança na escola
Garbin, Teruel, Costa, Saliba e Garbin (2019)	Verificar a ocorrência e a correlação do bullying com a qualidade de vida de adolescentes.	382 crianças e adolescentes de 10-16 anos	3,7% disseram que sempre cometeram bullying; 21,2% afirmaram serem vítimas de intimidação de pares. Correlação significativa entre bullying e qualidade de vida, com destaque para a correlação negativa entre agressão direta e relacional com os domínios físico, psicológico, relações sociais e

			meio ambiente do WHOQOL-Bref.
Beserra, Souza, Silva, Sena, Resende e Ferriani (2020)	Analisar a violência escolar sofrida e praticada e a sua associação com a ideação suicida entre adolescentes com 12 a 18 anos	643 adolescentes de 12-18 anos	Prevalência de violência escolar: 62,2%. Prevalência de ideação suicida: 17,4%. Associação significativa da ideação suicida com a violência sofrida na faixa etária de 15-18 anos. 28% dos adolescentes relataram já terem se sentido muito tristes, 14% declararam sentir solidão frequentemente.
Miranda, Fernandes, Melo e Meireles (2020)	Analisar a prevalência e os fatores associados à violência sexual contra crianças e adolescentes, residentes no município de Petrolina, Pernambuco	1.232 casos de crianças e adolescentes de 0-19 anos	Foram registrados 1.232 casos de violência sexual. Prevalência de 30,6%. A violência sexual apresentou maior chance de ocorrer em vítimas do sexo feminino (Odds Ratio = 11,39), em sua própria residência (Odds Ratio = 1,96), sendo o pai o agressor com mais chance de praticar o ato violento (Odds Ratio = 8,97). O consumo de álcool pelo agressor aumentou a chance para o desfecho (Odds Ratio = 2,26).
Sousa, Mascarenhas, Gomes, Rodrigues, Miranda e Frota (2020)	Analisar a prevalência de ideação suicida e fatores associados em adolescentes escolares	674 adolescentes de 14-17 anos	Prevalência de ideação suicida: 7,9%. Ideação suicida mais frequente entre estudantes do sexo feminino (10,2%) e aqueles que não

			residem com os pais. Violência sexual associada a uma maior prevalência de ideação suicida.
Silva, Lima, Aciore e Barreira (2021)	Estimar a prevalência de agressores de bullying e identificar os fatores relacionados a este comportamento em adolescentes escolares do Recife	1.402 estudantes de 15-19 anos	Prevalência de 21,26% de agressores de bullying, fatores associados incluem violências sofridas na escola, entre pares, e violência praticada pela mãe e irmãos
Lima, Martins, Gomes, Silva, Santos, Monteiro e Cruz (2023)	Investigar a associação da violência intrafamiliar vivenciada/presenciada e o transtorno mental comum em adolescentes	230 estudantes de 10-19 anos	52,2% dos adolescentes apresentaram Transtorno Mental Comum (TMC). Vivenciar violência sexual aumenta 11 vezes a chance de desenvolver TMC. Vivenciar violência psicológica aumenta 4,8 vezes a chance de desenvolver TMC. Vivenciar violência física aumenta 2,2 vezes a chance de desenvolver TMC.

Os dados foram agrupados de acordo com o tema trabalhado por cada artigo, gerando assim as categorias discutidas a seguir:

Sofrendo e Praticando Bullying

O Bullying é uma prática violenta que tem como intuito gerar constrangimento, medo, segregar e humilhar alguém, infelizmente, amplamente vivenciada nos contextos escolares e que causa sofrimento significativo nas vítimas. Dos dezesseis trabalhos que compõem esta revisão, seis se voltam a pesquisar sobre esse fenômeno, os trabalhos construídos estão entre os anos de 2014 a 2019, nos demonstrando a continuidade dessa prática.



O estudo de Stelko-Pereira e Williams (2014) chega ao resultado que as vítimas tem cinco vezes mais chances de apresentar sintomas depressivos, sem variações significativas entre sexo, idade ou desempenho escolar. O que nos indica que independente de perfil, adolescentes sofrem com essa violência, com os mesmos riscos. Forghieri (1993/2002) nos diz que nossa identidade está entrelaçada com os acontecimentos que vivenciamos no mundo, já que para fenomenologia, somos ser-no-mundo, não nos dissociamos dele em nenhum momento.

O adolescente que em sua cotidianidade, e de forma repetitiva é vítima de bullying, está inevitavelmente, trazendo os aspectos daquela violência para sua identidade. Isso pode ser expresso em como os adolescentes passam a se ver, e também, como passam a ver o mundo ao seu redor. Dessa forma, vendo o mundo por essa ótica que os circunda o estado depressivo pode tornar-se característico.

O trabalho de Costa et al. (2015), nos mostra que na escola é o espaço onde os adolescentes mais vivenciam o bullying, com uma prevalência de 55,1% em comparação com outros espaços sociais. E que, como mostra o estudo anterior, a experiência do bullying está associada a insatisfação com a vida, à dificuldade de relacionamento com os pais, ao envolvimento com brigas e à sensação de insegurança. Dutra (2023) vai nos dizer que o jovem precisa ser confirmado existencialmente pelos seus pares. Quando isso não acontece, é esperado que as outras relações também sejam abaladas, há uma incongruência entre a percepção que ele tem de como os colegas agressores o veem, para a percepção, quem sabe, da que seus pais lhe apresentam.

O envolvimento com brigas, pode ser resultado de inabilidades sociais, é o que o estudo de Santos e Soares (2016) nos mostra. Quanto mais hábil socialmente o adolescente, ou seja, mais comunicativo, com menos conflitos entre pares, apresentando menos comportamentos antissociais, menos ele estará envolvido na prática do bullying. Apesar do estudo ter algumas limitações a se considerar, podemos pensar que seu resultado não é muito diferente do



estudo anterior, ou seja, os adolescentes em conflito, em experiência de praticar bullying ou em experiência de sofrer bullying, são menos hábeis socialmente.

A fenomenologia de Heidegger nos diz que somos ser-no-mundo e ser-com, somos em relação com os demais (Feijoo, 2010; Heidegger, 1976/2015) O adolescente não deixa de ser-com, quando ele pratica bullying, ou quando ele sofre o bullying, mas o seu ser-com, fica fechado em possibilidades. Ou seja, os adolescentes podem vivenciar as suas relações sociais somente a partir desse modo violento de existir, quem sabe até o perpetuando ou mantendo-o por um longo período de tempo.

Marcolino et al. (2018) a partir dos seus achados nos dizem que na verdade há um ciclo de violência entre a violência escolar e o bullying, mas não sabem expressar, qual antecede qual. O fato é que é um ciclo que se retroalimenta, onde apenas o adolescente que pratica o bullying não pode ser responsabilizado. O que conversa com os dados de Silva et al. (2021), mostrando que há uma correlação entre adolescentes que praticam bullying e a vivência da violência em casa. Ou seja, eles apenas parecem reproduzir um modo de ser-com. No estudo seguinte (Garbin et al., 2019), são pelo menos 80 crianças (21,2%) de 382, com maior probabilidade de terem problemas de depressão, seus relacionamentos e qualidade de vida afetados.

Violências na escola e a violência sexual

Dos dezesseis trabalhos revisados, três falavam das violências vividas pelos adolescentes na escola, onde inclui-se a violência sexual, e um fala somente sobre esta última. As possibilidades de experienciar violência são amplas, seja em primeira pessoa, ou de acompanhar o evento. De 288 crianças, pelo menos 245 crianças (85,4%) tiveram contato com a violência física na escola, pelos menos 180 (62,5%) com a violência sexual. Desse campo amostral, ainda, pelo menos 99 trouxeram essa vivência advinda da família (Ribeiro et al., 2015). Os números parecem manter um certo padrão, a violência está dentro da escola e está na vida dos adolescentes.



Com isso, não há como não afetar a saúde desses. O trabalho de Beserra et al. (2020) mostra uma associação significativa entre a ideação suicida e a violência sofrida entre 15-18 anos. No trabalho de Sousa et al. (2020), vemos que essa ideação suicida vem na grande maioria de meninas que vivenciaram violência sexual e que não residem com os pais, esse resultado também foi o mesmo em um estudo longitudinal e internacional (Bentivegna & Patalay, 2022). Em nosso caráter de ser-com, é inegável que as primeiras pessoas que somos-com, são com nossas figuras cuidadoras, aqueles que exercem a nossa parentalidade. Viver longe dos pais pode ser um fator potencializador no sofrimento de adolescentes.

Entretanto, o suicídio é multifacetado e multifatorial, um fenômeno complexo que não pode ser explicado apenas por uma via. A adolescente vítima de violência sexual pode, sem pessoas as quais ela compreende como referencial, para lhe apoiar, para exercerem com ela o cuidado (Heidegger, 1976/2015) e as condições para que ela se autoatualize (Rogers, 2017), ou seja, após a violência poder ter um novo conceito sobre si, desinteressar-se pela vida, frente a tamanho sofrimento, desistir de viver (Dutra, 2023).

Pinto et al. (2018), ao apresentar as últimas três edições da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, mostra que a violência vivenciada pelos escolares apresenta tendência de aumento, se expressando como medo do trajeto até a escola, por conta da violência, envolvimento em brigas com armas e agressões advindas de adultos da família. A família surge como mais um espaço de violência, onde provavelmente naturaliza-se esse modo de se relacionar com e no mundo. A pesquisa ainda demonstra que meninas sofrem mais violência familiar. Infelizmente, no Brasil, a taxa de violência sexual é altíssima e os maiores violentadores são pessoas da família ou próximas da vítima, ainda, mulheres e meninas tem maior probabilidade de sofrer esse tipo de violência (Barbara et al., 2017), o que nos sugere que é desse tipo de violência que essas meninas sofrem, resultado também presente nesta revisão (Miranda et al., 2020).



Ferreira e Anastácio (2012, p. 40), vão nos dizer que “em uma visão existencial-fenomenológica, o corpo é compreendido como uma expressão da manifestação da subjetividade e é nesse corpo que vai se experienciar as percepções de si e do mundo”. A percepção de um corpo violentado em um espaço que deveria ser o espaço de promoção da educação e também em alguma medida, promoção de saúde, se estende a uma percepção de mundo, um mundo violento do qual não faz mais sentido viver.

Percepções a partir da violência vivida e violência intrafamiliar

Bello (2006), vai nos dizer que a primeira experiência do humano é a percepção, ela acontece nos seguintes passos: primeiro vemos e sentimos algo no mundo, então temos uma percepção, essa percepção é a nossa experiência vivida que nos leva à consciência. Os adolescentes ao ver e sentir a violência, antes mesmo de nomeá-la como tal, estão inevitavelmente vivendo-a, tendo-a como fenômeno recorrente em seu existir. No estudo de Salles et al. (2014), os resultados mostram que os adolescentes conseguem diferenciar a violência à escola, da escola e na escola, e eles entendem isso como inevitável, associando à marginalização social e à delinquência.

Os estudos de Maranhão et al. (2014) tinham como intuito analisar como os adolescentes de uma escola pública de Fortaleza identificavam, avaliavam e vivenciavam a violência. Os resultados também não são diferentes de outros estudos, com o acréscimo de suas compreensões sobre o que era violência. Para eles, a violência na família por meio de socos e surras era a mais predominante, assim como os maiores perpetradores dessa violência eram os genitores, especialmente a mãe. Em segundo lugar, a violência na comunidade é percebida por meio da humilhação e ameaça. Resultados em sua grande parte, também encontrados no estudo de Magalhães et al. (2018).

Ferreira e Anastácio (2012), trazem Sartre ao discutir sobre a adolescência. Os autores esclarecem que para o teórico, todos nós estamos condenados à liberdade, ou seja, a conviver com as consequências de nossas escolhas. As ideias de liberdade e responsabilidade são cruciais para



compreensão de nossa existencialidade, inclusive, até na adolescência. Entretanto, Forghieri (1993/2002), vai dizer que a liberdade e a responsabilidade são potencialidades humanas que só alcançamos na vivência com o outro. Para Rogers (2017), essa capacidade de se atualizar, uma outra forma para expressar nossas potencialidades, só é possível quando encontramos condições facilitadoras.

O adolescente, que em seu ambiente convive com violências físicas, psicológicas e sexuais, pode facilmente não encontrar o que o autor vai chamar de condições facilitadoras (congruência, empatia e consideração positiva incondicional). Um adolescente que não encontre em seu mundo humano essas condições, torna-se então, mais vulnerável aos adoecimentos psíquicos de todas as ordens. O estudo a seguir mostra como eles se percebem nesse contexto.

Silva, Silva e Passos (2018), fizeram uma associação entre a autopercepção negativa em saúde e violência escolar. Com 2.614 adolescentes, chegaram ao resultado de que 26,7 % desses adolescentes tinham uma autopercepção negativa em saúde, e a violência escolar estava associada com sentimentos de tristeza, pensamentos suicidas, bullying, roubos e falta de segurança. Nossa percepção torna as coisas presentes como nos são presentes, mesmo que se trate de um mesmo percebido, não está do mesmo modo para pessoas diferentes (Heidegger & Boss, 2017). Com isso, dizemos que cada adolescente vai experienciar a violência de uma forma diferente, com repercussões distintas, mas que de certo, causa algum tipo de sofrimento, seja em si, seja em outros, comprometendo então sua forma de ser-saudável existencialmente (Forghieri, 1993/2002).

Lima et al. (2023) associaram a violência intrafamiliar com Transtornos Mentais Comuns (TMC). Foram considerados adolescentes com TMC quando pontuaram mais de 7 itens (masculino) e mais de 8 itens (feminino) da escala Self Report Questionnaire (SRQ-20). Essa pesquisa converge com todos os dados discutidos até aqui ao mostrar que os adolescentes que vivenciam violências têm altas chances de apresentarem TMC, sendo a violência sexual a que proporciona maior risco.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa revisão buscou integrar os dados sobre o fenômeno da violência vivenciada pelos adolescentes no Brasil, e discutir à luz da fenomenologia. Os adolescentes sofrem de inúmeras violências, sendo a violência sexual a que pode causar mais danos à saúde mental, com alto risco para o desenvolvimento de depressões, estados graves de ansiedade, autolesão, ideações e até mesmo o suicídio.

Os espaços onde os adolescentes vivenciam mais violência é na escola e na família, na primeira dá-se ênfase ao bullying, que pode envolver tanto violências físicas quanto psicológicas. Em casa, a violência predominante para as meninas é a sexual. Outras violências que surgem nesse espaço, são físicas, seja contra o próprio adolescente ou quando ele presencia entre pessoas de sua casa. Os adolescentes compreendem a violência como sendo inerente aos espaços em que convivem, e sabem diferenciar onde e como elas se apresentam.

A partir disso, compreendemos a importância da psicoeducação nos espaços escolares, da criação de políticas públicas que visem diminuir a incidência sistêmica da violência nos espaços educacionais e da intervenção urgente em promoção de saúde nessa faixa etária. Ou seja, o que se sugere é uma rede eficaz de prevenção e promoção em saúde mental para crianças e adolescentes em escolas públicas e espaços comunitários que envolva também a família. No mais, a fenomenologia deve lançar-se a discutir sobre a educação e todos os atores nela envolvidos. A educação é ampla e profunda, infelizmente, atravessada pelas experiências de violência precoce que precisam com urgência serem combatidas pelo Estado.

As limitações desse estudo se dão na variedade de métodos utilizados nos artigos analisados. Sabendo que integrar os dados nesse contexto é complexo. Sugere-se que mais estudos sejam feitos para compreender como o sistema educacional brasileiro tem pensado e atuado para o combate a violência vivenciada por crianças e adolescentes que prejudicam o seu processo de aprendizagem, desenvolvimento social e psicológico saudáveis. Outra limitação



se deu na dificuldade de estudos que compreendam o processo do adolescer e essa fase do desenvolvimento pelo olhar da fenomenologia.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

REFERÊNCIAS

- Arribas Llópis, J., Escolano López, V., Jiménez Palmero, R., Llopis García, S., & López González, J. L. (2020). La violencia y la conducta de los adolescentes: Revisión sistemática de intervenciones educativas. *Revista de Psicología y Educación*, 15(2), 87-102. <https://doi.org/10.23923/rpye2020.02.191>.
- Barbara, G., Collini, F., Cattaneo, C., Facchin, F., Vercellini, P., Chiappa, L., & Kustermann, A. (2017). Violência sexual contra meninas adolescentes: Rotulando-a para evitar a normalização. *Journal of Women's Health*, 26(11), 1146-1149. <https://doi.org/10.1089/jwh.2016.6161>
- Bello Ales, Â. B. (2006). *Introdução à fenomenologia*. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru: Edusc.
- Bentivegna, F., & Patalay, P. (2022). O impacto da violência sexual no meio da adolescência na saúde mental das meninas: Evidências de um estudo longitudinal de base populacional. *medRxiv*. <https://doi.org/10.1101/2022.04.22.22274142>
- Castro, E. H. B., Meira, J. C., de Lima, R. S., Mena, V. B., de Souza, L. S., & Rodrigues, D. M. (2023). A violência doméstica e contexto escolar: A percepção de discentes amazônidas do ensino fundamental sob o viés da fenomenologia. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 16(2), 271-308. <https://doi.org/10.32999/amazonica.v16i2.271-308>.



- Crocetti, E. (2017). Formação da identidade na adolescência: A dinâmica de formação e consolidação de compromissos identitários. *Perspectivas de Desenvolvimento Infantil*, 11, 145-150. <https://doi.org/10.1111/CDEP.12226>
- Dionísio, J. S., & Queiroz, P. P. (2020). Gênero e automutilação na escola básica: Um estudo de caso. *Revista Praxis*. <https://doi.org/10.47385/praxis.v12.n23.2837>.
- Dutra, A. C., Gonçalves, R. D., Oliveira, T. S., & Silva, M. R. (2020). Bullying nas escolas: leis e como auxiliar no enfrentamento deste fenômeno. *Revista Brasileira de Educação*, 25, e250073. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782020250073>.
- Dutra, E. (2023). Suicídio de adolescentes e mídia social: Reflexões fenomenológico-hermenêuticas. In A. S. Bertolucci, A. C. F. de Oliveira, G. F. S. Cabral, & P. P. Cavalcante Filho (Orgs.), *Suicídio: Ditos e Interditos*. 1ª ed., pp. 119-140. ViaVerita.
- Feijoo, A. M. L. C. de (2010). *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. 2.ed. Rio de Janeiro: IFEN.
- Ferreira, L. N., & Anastácio, F. D. (2012). Adolescência e algumas questões existenciais. *Revista de Psicologia*, 3 ed. 30(05), 39-41. <https://doi.org/10.34735/praxis.2022.v30.n05.39-41>.
- Forghieri, Y. C. (1993/2002). *Psicologia Fenomenológica: método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- Forte, L. D. P., & de Castro, E. H. B. (2020). Experienciando o bullying: Possibilidades de auto reconhecimento do ser-si-mesmo de alunos da rede pública de ensino. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 25(2), 188-211. <https://doi.org/10.32999/amazonica.v25i2.188-211>.
- Heidegger, M., & Boss, M. (2017). *Seminários de Zollikon*. Trad.: Arnhold, G., Prado, M. F. A., & Kirchner, R. São Paulo: Escuta.
- Heidegger, M. (1976/2015). *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo*. Curitiba: Juruá.



- Jensen, D., Chen, J., Turner, J., Stephen, J., Wang, Y., Wilson, T., Calhoun, V., & Liu, J. (2023). Associações epigenéticas com maturação da substância cinzenta e desenvolvimento cognitivo do adolescente. *Fronteiras em Genética*, 14. <https://doi.org/10.3389/fgene.2023.1222619>
- Koifman, J. (2023). Luz brilhante sobre a depressão adolescente. *Educação, Sociedade e Estudos Humanos*. <https://doi.org/10.22158/eshs.v4n3p30>
- Leibenluft, E., & Barch, D. (2021). Desenvolvimento do cérebro do adolescente e psicopatologia: Introdução à edição especial. *Psiquiatria Biológica*, 89, 93-95. <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2020.11.002>
- Macedo, E. L., & de Castro, E. H. B. (2023). Adolescência e prática do cutting: Relato de experiência no plantão psicológico. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 16(1), 177-197.
- Meira, J. C., & de Castro, E. H. B. (2023). O abuso sexual na infância e adolescência, a corporeidade silenciada: Relato de experiência no plantão psicológico. *Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 16(1), 91-111. <https://doi.org/10.32999/amazonica.v16i1.177-197>.
- Mendes, K. D. S.; Silveira, R. C. C. P. & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & contexto-enfermagem*, 17, 758-764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.
- Murray, A., Mirman, J., Carter, L., & Eisner, M. (2021). Diferenças individuais e desenvolvimentais na delinquência: Elas podem ser explicadas por modelos de tomada de risco na adolescência? *Revisão do Desenvolvimento*. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2021.100985>.
- Pereira, M., & Rocha, T. (2022). Mudanças cerebrais na adolescência e transtornos mentais. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 14(2), 78-92. <https://doi.org/10.1590/0101-60830000000017>.
- Pordeus, M. P., Mesquita, S. M. S., & Pordeus, C. L. V. (2022). Bullying virtual: Causas psicoemocionais e consequências em adolescentes vítimas de cyberbullying. *Research, Society and Development*. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.28686>.
- Rogers, C. R. (2017). *Tornar-se pessoa*. WWF Martins Fontes.



Silva, A., & Xavier, L. (2020). Neurobiologia do desenvolvimento e vulnerabilidade às drogas. *Revista Brasileira de Neurologia*, 12(3), 45-60. <https://doi.org/10.31157/rnd-v12i3.28686>.

Suarez-Albor, C., Galletta, M., & Gómez-Bustamante, E. (2022). Fatores associados aos transtornos alimentares em adolescentes: uma revisão sistemática. *Acta Bio Médica: Atenei Parmensis*, 93. <https://doi.org/10.23750/abm.v93i3.13140>

Recebido: 20/05/2024
01/07/2024

Aceito: 15/06/2024

Publicado:

Autores

Nadynne Araújo de Oliveira

Psicóloga (CRP 20/11.041) pela Universidade Paulista. Pós-Graduada em Neuropsicologia: avaliação e reabilitação neuropsicológica pelo Child Behavior Institute of Miami. Mestranda em Processos Psicológicos e Saúde na Universidade Federal do Amazonas. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Tutora técnica do Projeto de Extensão Plantão Psicológico na Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). Email: nadynnearaujo@outlook.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1545-1472>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>